

## 1. A Origem do Paradigma Desenvolvimentista de Interpretação dos Diálogos de Platão

Antes de Aristóteles estabelecer o *tratado* como forma de composição filosófica preponderante entre a comunidade intelectual grega, os diversos temas da Filosofia eram apresentados por meio do que hoje chamaríamos formas *literárias* de composição. Os fragmentos que possuímos das obras dos pensadores anteriores a Platão, conhecidos por nós sob a alcunha de “pré-socráticos”, são na sua maioria poemas e aforismos. Sócrates mesmo, como sabemos, preferiu não deixar uma obra escrita e os adeptos da sofística, como Górgias e Protágoras, tinham a performance retórica como forma de exposição predileta, deixando seus discursos escritos apenas em alguns poucos casos. Platão, como sabemos, optou por apresentar seu pensamento por meio de uma obra escrita e, certamente influenciado pela presença de Sócrates na sua vida, decidiu fazer uso do mais novo estilo de composição literária de seu tempo: o *diálogo socrático*.

Sabemos que Platão não foi o único a escrever diálogos em que Sócrates figura como personagem principal. Aristóteles, na sua *Poética*, refere-se aos “diálogos socráticos” ou “conversas com Sócrates” (Λόγοι Σωκρατικοί) como um gênero literário já firmemente estabelecido. (*Poética 1447b11*). De fato, chegaram até nós diálogos socráticos escritos por outros autores, por exemplo: as obras *Banquete*, *Apologia de Sócrates*, *Oeconomicus* e *Memorabilia* de Xenofontes, que conhecemos na íntegra, além de um grande número de fragmentos das obras de outros autores que se dedicaram a este gênero de composição.<sup>1</sup>

Com relação à sua forma, os diálogos socráticos são classificados como composições literárias dramáticas, pois descrevem um determinado conjunto de ações, um δράμα. As características dramáticas desta forma de composição,

---

<sup>1</sup> Estes fragmentos estão reunidos na monumental obra de Giannantoni “*Socratis et Socraticorum Reliquiae*” (Giannantoni, 1990).

ressaltadas pelas inegáveis qualidades de Platão como escritor, tornam a obra platônica uma fonte inesgotável de informações acerca da sociedade ateniense dos séculos IV e V. A.C. Diversos âmbitos da vida grega são descritos, de maneira bastante compreensível, nos diálogos de Platão: a relação da sociedade grega com o divino e o sagrado, os conflitos entre a tradição homérica e a construção das leis e da civilidade ateniense, o surgimento e desenvolvimento de diversos campos da ciência e incontáveis outros aspectos da cultura grega de grande relevância histórica.

Ora, caso Platão tivesse adotado o tratado filosófico ou outra forma de composição não literária como meio de exposição de suas ideias, certamente estaríamos privados de boa parte desta imensa quantidade de informação acerca dos costumes e das personalidades de seu tempo. Contudo, é necessário notar que o mesmo caráter literário que dá ensejo à grande riqueza narrativa que encontramos nos diálogos platônicos, também nos obriga a duvidar do grau de veracidade das descrições ali contidas. As descrições platônicas acerca de hábitos e costumes de sua época não podem ter seu valor histórico atribuído *prima facie*. Afinal, estas descrições devem ser interpretadas como elementos de uma composição literária e, sendo assim, estão apresentadas a nós abertamente como a expressão da visão crítica do autor da obra. O mesmo vale para os diversos personagens descritos nos diálogos. Por mais que, na sua maioria, estes personagens representem pessoas que realmente andaram pelas ruas de Atenas, quando considerados no interior dos diálogos platônicos, não passam de *personagens*, criados para expressar as intenções dramáticas do autor de uma obra ficcional.

Sendo assim, o caráter literário da obra platônica oferece inúmeros desafios ao leitor interessado na compreensão do pensamento ali exposto. O primeiro e mais óbvio desafio está ligado ao fato de Platão não figurar entre os personagens dos diálogos. Caso encontrássemos Platão nas conversas ali descritas, estaríamos na condição de, simplesmente, identificar tudo aquilo que um determinado personagem diz como a posição do autor. No entanto, a ausência de Platão das cenas dramáticas descritas na sua obra nos deixa sem a possibilidade de uma solução direta para este problema interpretativo fundamental: como acessar a posição de Platão acerca das discussões representadas nos diálogos?

A maneira mais comum de solucionar esta dificuldade é identificar o ponto

de vista de Platão com o ponto de vista expresso pelo personagem Sócrates. Dada a recorrência deste personagem na obra e sua importância nas discussões ali descritas, esta identificação parece bastante natural. Contudo, esta solução se torna cada vez mais desafiadora, na medida em que diferentes posições vão sendo atribuídas a este personagem. Nos diálogos *Górgias* e *Filébo*, por exemplo, Sócrates ataca a tese hedonista que identifica o bem viver com a busca pelo prazer. No *Protágoras*, entretanto, a tese hedonista é defendida pelo mesmo Sócrates!<sup>2</sup> Como podemos entender tamanha flutuação de posições? Para mantermos a identificação entre a posição de Platão (autor) e Sócrates (personagem) somos obrigados a pensar que, nestes casos, Platão mudou de ideia, ou devemos explicar porque Sócrates defende, em pelo menos um destes diálogos, uma teoria considerada falsa por Platão.

Um intérprete da obra platônica precisa, portanto, adotar um determinado esquema de compreensão dos diálogos, que forneça sentido ao conjunto da obra e, desta maneira, estabeleça linhas gerais de leitura. Afinal, somente de posse deste arcabouço interpretativo, torna-se possível realizar uma leitura dos diálogos platônicos que se proponha a extrair desta grande obra literária um conjunto coerente de concepções filosóficas.

Na história do estudo da obra e do pensamento de Platão, diversos modelos de leitura foram propostos. Uma posição tentadora é admitir que cada diálogo deve ser lido como uma obra autônoma, acabada em si mesma e sem conexão com os outros diálogos. A mais clara apresentação desta tese pode ser encontrada nas obras de Grote, para quem “cada diálogo possui seu próprio ponto de vista, desenvolvido naquela ocasião particular” (Grote, 1875, p.178). Segundo Grote, os diálogos são dramas que não pretendem fornecer uma exposição sistemática da doutrina platônica ou sequer apresentar posições mutuamente consistentes. Sendo assim, do mesmo modo que não buscamos unificar o pensamento de Shakespear, a partir das diversas obras dramáticas compostas por este autor, tampouco deveríamos almejar fazê-lo com relação a Platão.<sup>3</sup>

Contudo, os comentadores que não compartilham dos pressupostos de

---

2 Sem mencionar o fato de que Sócrates não ocupa o “papel principal” de condutor da argumentação no *Sofista*, no *Político* e no *Timeu*, é criticado na primeira parte do *Parmênides*, praticamente desaparece na segunda parte deste diálogo e, por fim, nem ao menos está presente no diálogo *Leis*.

3 Nos últimos anos, a posição expressa por Grote tem adquirido novos defensores. Dentre eles,

Grote e pretendem relacionar o conteúdo dos diversos diálogos precisam se ater às diferenças existentes entre estas obras e levantar hipóteses de leitura que ofereçam sentido a suas incongruências. De maneira geral, duas posições podem ser encontradas entre aqueles que pretendem organizar os diversos diálogos de modo a identificar, no conjunto da obra platônica, a apresentação de um sistema filosófico coerente.

Um grupo de comentadores interpreta as diferentes posições expressas nos diálogos como fases distintas da apresentação de uma só doutrina filosófica, preconcebida desde o início e subjacente a toda obra. Para estes intérpretes, as diferentes teses encontradas nos diálogos seriam apenas o resultado de uma exposição progressiva da doutrina platônica e não representariam uma mudança fundamental no posicionamento de Platão. Estes comentadores são chamados *unitaristas* e um claro exemplo deste tipo de interpretação pode ser encontrado na seguinte afirmação de Jaeger:

“Quando se pôs a escrever o primeiro de seus diálogos 'socráticos', Platão já havia fixado seu objetivo e as linhas gerais de todo o projeto já eram visíveis para ele. A intelecção da República pode ser traçada com clareza nos diálogos iniciais.” (Jaeger, 1944, p.96)

A outra proposta de leitura consiste em abraçar a ideia de que os diálogos apresentam doutrinas distintas e, até mesmo, contraditórias. O trabalho do intérprete consistiria, então, em organizar os diálogos, de modo a identificar o posicionamento final de Platão acerca destes temas e os momentos em que uma tese é abandonada e substituída por outra. Podemos chamar este grupo de comentadores de *desenvolvimentistas*, na medida em que adotam a hipótese de que Platão modifica suas concepções no decorrer dos diálogos, superando teses e desenvolvendo seu ponto de vista acerca das questões ali tratadas.<sup>4</sup>

Este segundo tipo de interpretação tornou-se preponderante no fim do século XIX e praticamente uma unanimidade durante o século XX. Formou-se,

---

podemos destacar Christopher Gill (2002).

4 A nomenclatura “desenvolvimentistas”, proposta, até onde sei, por Kahn (1996), não me agrada. Pelo simples fato de que os adeptos da outra posição descrita, chamados “unitaristas”, também admitem um desenvolvimento no tratamento das questões. Pois, apesar dos unitaristas não identificarem rupturas ou modificações fundamentais na visão de mundo expressa nos diálogos, estes comentadores certamente identificam um desenvolvimento lógico-expositivo no interior da obra platônica, em função do grau de complexidade no tratamento das questões. Em nome da uniformidade terminológica, contudo, seguirei usando a nomenclatura padrão.

neste período, um modelo de leitura de acordo com o qual os diálogos estão agrupados por data de composição. De posse desta organização cronológica da obra é possível, segundo os adeptos desta linha interpretativa, reconhecermos fases distintas do pensamento de Platão. Em especial, é possível identificar o surgimento e desenvolvimento da Teoria das Ideias. Ficou estabelecido, assim, um paradigma de leitura, ainda hoje adotado pela maior parte dos comentadores, de acordo com o qual podemos distinguir três grupos de diálogos, correspondentes a três fases distintas do amadurecimento filosófico de Platão.

No primeiro grupo de diálogos, escrito durante a sua juventude, Platão estaria “imaginativamente recordando, em forma e conteúdo, as conversas de seu mestre (Sócrates), contudo sem adicionar a estes diálogos nenhuma doutrina distinta, propriamente sua.” (Guthrie, 1975, p.67). Os diálogos pertencentes a este grupo se caracterizariam pela investigação de temas éticos e não conteriam qualquer teoria metafísica acerca dos constituintes últimos da realidade.

Após a composição destes diálogos, ditos “socráticos”, Platão teria se distanciado gradativamente da influência de Sócrates e desenvolvido seu próprio pensamento. O ápice deste processo aconteceria com o surgimento da hipótese das Formas e o desenvolvimento de uma Teoria das Ideias de caráter fortemente metafísico. De um ponto de vista ontológico, isto é: apenas no que diz respeito ao modo de existência específico das Formas ou ao tipo de coisa que uma Forma platônica é, podemos descrever a Teoria das Ideias como a afirmação das seguintes teses:<sup>5</sup>

- 1) Para cada grupo de coisas possuidoras de uma mesma característica, portanto designadas por um mesmo nome, existe uma Forma.
- 2) Formas são entidades únicas: enquanto existem várias coisas sensíveis belas, só há uma única Forma da Beleza.
- 3) Cada Forma é eterna e auto-idêntica (ἀεὶ ὃν ταὐτόν), em si e por

---

5 Esta lista não se propõe, de modo algum, a resumir a Teoria das Ideias em todos os seus aspectos. Decidi não retardar a apresentação deste sumário por considerá-lo essencial para toda discussão subsequente. Acredito que os pontos citados sintetizam, apenas, o statuto ontológico ou o modo de ser destas entidades. Não incluí nesta listagem, portanto, o valor das Formas como princípios reguladores da ética. Também procurei não incluir aspectos epistemológicos, como o papel das Formas na garantia da possibilidade de conhecimento seguro. Por fim, preferi não me referir, neste momento, aos modos de relação entre coisas sensíveis e Formas,

σι, (αὐτὸ καθ' αὐτὸ) sempre constante e invariável (ἀεὶ κατὰ ταῦτὰ καὶ ὡσαύτως); invisível, pura, incomposta, homogênea (οὐχ ὀρατόν, καθαρὸν, ἀσύνθετον, μονοειδές) e separada (χωρίς) das coisas do mundo físico.<sup>6</sup>

- 4) Formas são ontologicamente independentes dos objetos sensíveis. Isto é: não é preciso haver triângulos sensíveis para que a Forma do Triângulo exista.
- 5) Formas possuem prioridade ontológica com relação aos objetos sensíveis. Ou seja: é preciso haver uma Forma da Beleza para que existam coisas sensíveis belas.

Segundo o paradigma de interpretação desenvolvimentista predominante entre os comentadores, a apresentação das Formas inteligíveis e a sua articulação em uma Teoria das Ideias aconteceria somente a partir dos diálogos *Banquete*, *Fédon* e *República*. Estas obras formariam, portanto, a base para um segundo grupo de diálogos, nos quais Platão, agora um pensador maduro e independente, apresentaria suas próprias descobertas e não apenas reproduziria o pensamento de seu mestre.

Os intérpretes desenvolvimentistas identificam, ainda, um terceiro grupo de diálogos, nos quais a Teoria das Ideias seria vigorosamente criticada e modificada. A apresentação das dificuldades decorrentes da postulação das Formas aconteceria sobretudo no *Parmênides*, diálogo no qual, em um momento de honesta perplexidade, Platão estaria reconhecendo os problemas inerentes à postulação das Formas inteligíveis. Após a autocrítica do *Parmênides*, Platão, já nos últimos anos de sua vida, teria expandido seu campo de interesse e proposto uma revisão da sua teoria, apresentando estes resultados nos diálogos *Sofista*, *Político*, *Filébo*, *Timeu*, *Crítias* e *Leis*.

Ora, como toda hipótese científica, o paradigma de leitura segundo o qual podemos distinguir três fases da obra de Platão, correspondentes a três fases de seu pensamento, possui uma história. E o surgimento e desenvolvimento deste

---

tampouco aos modos de relação das Formas umas com as outras.

6 *Fed.* 65d4-8; 74a9-e5; 76d7-77a5; 78c6-79a10; *Banq.* 210e4-211b5; 211d8-e4. *Rep.* V 476a4-d4; 479e1-9; VI 507b2-8; X 596a5-597e5; *Fedr.* 247c3-e4; 250c2-6; *Parm.* 130d1. Como veremos no decorrer deste trabalho, o significado preciso de cada um destes atributos das Formas é matéria de intenso debate entre os comentadores.

paradigma interpretativo está ligado às diversas opiniões filosóficas e hipóteses teóricas daquelas pessoas que o propuseram. Sendo assim, uma análise histórica do seu surgimento e a compreensão dos motivos que levaram estas pessoas a propor tal modelo de leitura dos diálogos representa a maneira correta de iniciarmos uma investigação acerca da validade deste modelo de interpretação da filosofia platônica. No presente capítulo, analisarei o surgimento deste modelo de interpretação, que tem como característica principal o reconhecimento de três grupos de diálogos que, ordenados cronologicamente, corresponderiam a três fases distintas do pensamento de Platão. Dentre as várias hipóteses que compõem este paradigma e que são aceitas, em maior ou menor número, por aqueles que o compartilham, podemos distinguir duas teses centrais:

- 1) A tese de que podemos reconhecer, nos diálogos, tratamentos distintos de uma mesma questão.
- 2) A tese de que o texto de Platão nos fornece evidências para uma ordenção cronológica da obra, de tal maneira que podemos identificar diferentes fases do amadurecimento intelectual de Platão.

Estas duas teses há muito vêm sendo apresentadas em conjunto. Contudo, a adesão a uma delas não implica, logicamente, na adesão à outra. Os comentadores que adotam uma interpretação unitarista, por exemplo, admitem que os diálogos possuem tratamentos distintos de uma mesma questão. No entanto, consideram não haver incompatibilidade entre as diversas posições e interpretam esta diferença de conteúdo como momentos expositivos distintos na apresentação de uma mesma visão de mundo, coerente do início ao fim da obra. Sendo assim, admitem I) e negam II). Ou melhor, negam apenas a implicação acerca do amadurecimento filosófico de Platão contida em II), pois a ideia de que podemos listar os diálogos em ordem de composição não é incompatível com a tese unitarista.

A admissão de qualquer uma destas duas teses, no entanto, implica na adoção de uma interpretação *evolutiva* para obra de Platão. Isto é: tanto os comentadores unitaristas (que adotam apenas I) quanto os comentadores desenvolvimentistas (que adotam ambas as teses) compartilham da ideia de que é possível organizar os diálogos de modo a podermos tratar as diferentes questões

de interpretação em função da sua evolução no interior da obra platônica. É bem verdade que, para os intérpretes unitaristas, esta evolução é apenas pedagógico-expositiva, sendo entendida como um aumento de complexidade no tratamento das questões e não implicando uma ruptura, no que toca à visão de mundo apresentada nos diálogos.

Por mais natural que nos possa parecer a abordagem evolutiva da obra de Platão, somos obrigados a reconhecer que mesmo esta hipótese metodológica é recente. Durante toda Antiguidade e Idade Média, a obra de Platão foi estudada sem que a idéia de que os diálogos podem ser progressivamente ordenados fosse considerada. O maior exemplo disto encontra-se na obra dos chamados “Platonistas Médios”, do período entre o século I A.C. e o século II D.C. Estes autores se dedicaram intensamente ao estudo e exegese da obra de Platão, contudo sem levar em consideração a ordeção dos diálogos (cf. Dillon, 1996). Havia, de fato, vários esquemas nos quais os diálogos eram organizados, mas esta organização era determinada por temas ou por conveniência de análise e não em função de um desenvolvimento ou evolução expositiva da filosofia platônica.

## 1.1.

### **Schleiermacher: a noção de evolução expositiva.**

A ideia de que a filosofia platônica poderia ser acessada por meio de uma organização dos diálogos que revelasse a *evolução* no tratamento das questões surge apenas no século XIX, através de Schleiermacher. Em sua “*Introdução aos Diálogos de Platão*” (1836), Schleiermacher apresenta uma interpretação para obra platônica segundo a qual cada diálogo avança sobre pontos estabelecidos por diálogos compostos anteriormente. Fortemente inspirado pelo hegelianismo da época, Schleiermacher irá supor a existência de uma sequência natural e uma ordenação necessária entre os diálogos. Esta organização dos diálogos seria capaz de revelar que as diversas questões apresentadas por Platão obedecem uma ordem lógica de desenvolvimento e exposição, avançando, a cada obra, em direção ao completo desvelamento de um sistema preconcebido e presente, de forma latente, desde o início.

Criticando as análises anteriores que se baseavam na exegese de cada diálogo em separado, Schleiermacher compara o *corpus* Platonico com o corpo humano que, apesar de poder ter cada uma de suas partes estudada separadamente, só pode ser propriamente compreendido quando considerado em sua totalidade. Portanto, caberia ao intérprete, após analisar cada obra separadamente, restaurar a conexão existente entre elas, de tal modo que “cada diálogo seja tomado, não somente como completo em si mesmo, mas também em suas conexões com o resto dos diálogos” (Schleiermacher, 1836, p.14). Afinal, argumenta Schleiermacher, dada a abrangência e completude do sistema filosófico platônico, deve haver uma sequência natural e uma relação necessária entre os diálogos. Pois, Platão “não poderia ir além (na exposição de sua doutrina) em um diálogo, a não ser que supusesse o efeito produzido por algum diálogo anterior, de tal modo que o mesmo assunto, que é considerado completo ao fim de um diálogo, deve ser considerado como princípio e fundação de outro.” (Schleiermacher, 1836, p.18)

Este processo culminaria na trilogia *República*, *Timeu* e *Crítias*, considerados por Schleiermacher como os últimos diálogos a serem escritos e, portanto, aqueles em que a doutrina platônica estaria apresentada em sua plenitude. Além desta trilogia final, Schleiermacher reconhece mais dois grupos de diálogos: o grupo de diálogos escritos, em sua maioria, antes da morte de

Sócrates, composto por *Fedro*, *Lísis*, *Protágoras*, *Láques*, *Cármides*, *Êutifron* e *Parmênides*; e um segundo grupo, intermediário, formado por *Teeteto*, *Sofista*, *Político*, *Fédon*, *Filébo*.<sup>7</sup>

A crença de Schleiermacher na unidade de conteúdo da obra platônica é tão grande que ele considera ser possível tomar esta unidade doutrinária como princípio de demarcação entre obras legítimas e espúrias. Assim, em conjunto com a análise da linguagem empregada por Platão, Schleiermacher pretende que usemos o conteúdo dos diálogos tidos como originalmente platônicos, sobretudo aqueles da trilogia final (*República*, *Timeu* e *Crítias*), como critério para a legitimação das outras obras. Ora, é claro que o uso de tal método de demarcação implicaria em uma petição de princípio, na medida em que o conteúdo dos diálogos tidos como legítimos forneceria o próprio critério para sua legitimação. Além disso, tal critério privaria completamente Platão da possibilidade de ter revisto seu pensamento ou mudado de opinião.

A despeito de poucos comentadores atualmente compartilharem deste forte unitarismo presente na interpretação oferecida por Schleiermacher, sem dúvida sua “*Introdução aos Diálogos de Platão*” serviu como base para a formação do relativo consenso observável entre os platonistas do século XX. Sobretudo, porque Schleiermacher abriu caminho para uma nova maneira de compreender a obra platônica, através da observação das limitações inerentes às propostas de organização do conjunto de diálogos herdadas da antiguidade. Schleiermacher critica, por exemplo, a organização das obras de Platão em trilogias, tal como apresentada por Aristóteles de Bizâncio (200 A.C). Também critica a organização temática das diversas listas propostas pelos platonistas da antiguidade e coletadas por Diógenes Laércio. (Diógenes Laertius, III, 49-62). Outra linha interpretativa rechaçada por Schleiermacher é a de que a verdadeira filosofia platônica não está expressa diretamente nos diálogos, mas em uma doutrina esotérica de ensinamento exclusivamente oral, acessível apenas por meio do que está indicado nas entrelinhas dos diálogos (Schleiermacher, 1836, p.7-13). Ao fim de sua *Introdução*, Schleiermacher está pronto para oferecer uma nova interpretação para os diálogos platônicos, uma interpretação baseada, exclusivamente, no texto dos diálogos e nos princípios metodológicos

7 Ao lado destes, Schleiermacher reconhece a série *Górgias*, *Mênon* e *Eutidemo*, que considera ligada à sequência *Teeteto-Político*.

desenvolvidos por ele, sem levar em conta, em absoluto, a tradição de comentários neo-platônica e medieval.

Esta ruptura com a tradição de comentários herdada da antiguidade nos permite identificar em Schleiermacher o início da tradição moderna de comentário da obra de Platão. O aspecto mais próprio de sua interpretação é a ideia de uma forte linearidade e coesão interna dos diálogos, de tal maneira que cada obra funda-se nos resultados dos diálogos anteriores, sem nunca haver um momento de crise ou ruptura radical. Outra característica única da interpretação de Schleiermacher é seu internalismo, isto é: a ideia de que o pensamento de Platão deve ser buscado nas relações presentes no interior da sua obra, sem qualquer referência ao contexto histórico, como os eventos políticos da época, ou mesmo aos eventos da vida de Platão.

## 1.2.

### **Hermann: a noção de historicidade na interpretação da obra platônica.**

O próximo autor a contribuir intensamente para a formação do paradigma interpretativo atualmente vigente é Karl Friedrich Hermann. Em “*Geschichte und System der Platonischen Philosophie*” (1839), Hermann critica o internalismo da interpretação de Schleiermacher e apresenta uma ordenação para os diálogos fortemente baseada no pouco que sabemos acerca da vida de Platão. Tal como Schleiermacher, Hermann divide a obra de Platão em três grupos, mas estabelece uma relação direta entre episódios da vida de Platão e o surgimento de fases distintas de seu pensamento. Os primeiros diálogos, por exemplo, teriam sido escritos ainda durante a vida de Sócrates e teriam o objetivo de representar o verdadeiro estilo argumentativo socrático. A primeira grande virada no pensamento de Platão teria ocorrido com a condenação de Sócrates. Abalado com a morte de seu mestre, Platão teria escrito uma série de diálogos ligados, direta ou indiretamente, aos eventos que cercam o julgamento e a condenação de Sócrates. Estes diálogos seriam: *Apologia*, *Crito*, *Górgias*, *Êutifron* e *Mênon*. Como algumas fontes antigas citam o fato de que Platão, na companhia de outros discípulos de Sócrates, teria procurado refúgio em Mégara, Hermann reconhece, ainda no interior deste grupo intermediário, uma série de diálogos nos quais ficaria evidente o contato de Platão com teorias megárias e eleatas. Este grupo de diálogos representaria o primeiro afastamento de Platão do pensamento socrático e seria composto por: *Teeteto*, *Crátilo*, *Sofista*, *Político* e *Parmênides*. Contudo, estas influências não foram, segundo Hermann, as definitivas para o surgimento do sistema filosófico presente na trilogia final *República-Timeu-Crítias*. E, após seu exílio em Mégara, Platão teria viajado por lugares como Cirene, Egito e, finalmente, quando Platão já possuiria por volta de 40 anos, Sicília e Itália, onde teria entrado em contato com a escola pitagórica, que representaria sua mais definitiva influência.

Com a introdução da ideia de que podemos tratar os desenvolvimentos do pensamento de Platão em paralelo aos eventos de sua vida, Hermann modifica radicalmente o modo de abordagem da obra platônica, que deixa de ser objeto de estudo exclusivo de filósofos e passa a estar mais diretamente ligada aos diversos campos de pesquisa da antiguidade clássica que se desenvolviam naquele

momento. De acordo com Taylor (2002, p.78), esta nova abordagem da obra de Platão iniciada por Hermann irá, aos poucos, se firmar como paradigmática entre os helenistas alemães do século XIX e resultará na formação de um aparente consenso acerca dos seguintes pontos:

- 1) A identificação de um grupo de diálogos, compostos durante a vida de Sócrates, que teriam como objetivo a representação fidedigna do método de argumentação e dos ensinamentos socráticos.
- 2) A existência de um grupo de diálogos relacionados à morte de Sócrates.
- 3) O surgimento, subsequente à morte de Sócrates, de um grupo de diálogos nos quais Platão desenvolve seu próprio pensamento, afastando-se dos ensinamentos e do método socrático.
- 4) A existência de um último grupo de diálogos, de carácter mais sistemático, nos quais é exposto um conjunto de teses que formam um sistema filosófico mais completo e compreensivo.

Existe, ainda nesta época, a crença bastante difundida de que *República*, *Crítias*, *Timeu* e *Leis* são os diálogos que apresentam o sistema filosófico platônico na sua forma definitiva. Também era comum a ideia de que a composição do *Fedro* estaria associada à fundação da Academia, servindo como uma espécie de programa de estudos ou enunciação inicial da doutrina presente nos últimos diálogos.

O modo de interpretação de Hermann e seus contemporâneos apresenta uma série de características que se mantêm em vigor até hoje e formam parte do paradigma atual de interpretação dos diálogos de Platão. Por exemplo, Hermann divide os diálogos de Platão em três fases cronologicamente distintas, que podemos nomear de “primeira fase”, “fase média” e “última fase”, tal como ainda fazemos. Hermann, além disso, acredita que os diálogos da primeira fase apresentam com fidelidade o carácter, o método e o pensamento do Sócrates histórico. Como sabemos, tal forma de interpretação da relação entre Sócrates e Platão é um dos traços fundamentais do paradigma de interpretação atual, apesar de sofrer ataques cada vez mais constantes. Por fim, Hermann inaugura a ideia de que, para cada um dos três grupos de diálogos, organizados de maneira

cronológica, corresponde uma fase distinta do pensamento de Platão, o que se mostra o caráter mais distintivo do modo de interpretação atualmente vigente.

### 1.3. O método estilométrico.

Apesar de um relativo consenso acerca dos parâmetros gerais de interpretação dos diálogos platônicos ter sido formado na virada do século XIX para o século XX, salta à vista do leitor contemporâneo a discrepância com que os comentadores deste período organizavam os diálogos. Afinal, não parece haver sombra alguma de acordo no que diz respeito à ordem de composição das obras.

Ritter (1910, p.230-231) apresenta um quadro comparativo das diversas ordenações propostas por seus antecessores mais prestigiados, de Tennemann (1792) a Windelband (1905). Como uma rápida consulta à tabela de Ritter revela, a posição atribuída a cada um dos diálogos é extremamente flutuante. A única exceção, como era de se esperar, cabe a *Leis*, cuja posição é estabelecida por evidência externa. O diálogo *Fédon*, por exemplo, recebe as seguintes posições: 9, 17, 7, 24, 11, 21, 22, 16 e 21. Para o *Parmênides* temos: 16, 6, 15, 14, 12, 1, 22, 21, 19, 20. E o mesmo grau de discrepância mantém-se por toda série de diálogos.

A razão para tamanha divergência está no fato de que tais autores baseavam sua interpretação, sobretudo, no conteúdo doutrinal dos diálogos. Afinal, não estavam de posse de nenhum método objetivo para determinação da posição de cada diálogo no interior da série completa. Contavam apenas com aquilo que o conteúdo do texto lhes oferecia, como as referências textuais de um diálogo a outro ou as menções a fatos históricos, além dos escassos e inconfiáveis testemunhos vindos da antiguidade.

Estas indicações, contudo, mesmo quando tomadas em conjunto, não parecem produzir um critério de ordenação objetivo para os diálogos, pois dependem de uma conjunção de fatores, muitas vezes, questionáveis. Tome, por exemplo, o critério de referências textuais entre os diálogos. O estabelecimento da ordem de composição dos diálogos a partir das remissões de uma obra a outra pressupõe que um diálogo que mencione textualmente outro da série tenha sido escrito, necessariamente, após o diálogo mencionado. Apenas para apresentar alguns casos: o *Mênon* cita o encontro de Sócrates com Górgias (*Men.71c;91c*), podendo, portanto, ser considerado posterior ao *Górgias*. O *Teeteto* (183d-184a) e o *Sofista* (217c) se referem ao encontro entre Parmênides, Zenão e Sócrates, narrado no diálogo *Parmênides*. Seguindo o mesmo raciocínio, *Teeteto* e *Sofista*

só poderiam ter sido escritos após a composição do *Parmênides*.

No entanto, não parece ser impossível que o autor de uma obra literária faça alusão ao conteúdo dramático de obras ainda não publicadas. Nos primeiros filmes da série *Star Wars*, por exemplo, George Lucas menciona fatos do passado dos personagens principais, Darth Vader e Luke Skywalker, que só serão detalhadamente apresentados em filmes lançados mais de dez anos depois. O fato de Platão mencionar um suposto encontro entre Sócrates e Parmênides não pode ser tomado como evidência segura da efetiva realização deste encontro, tampouco pode ser tomado como evidência definitiva de que Platão já teria escrito o diálogo em que este encontro é narrado. É plenamente possível que Platão, tal como George Lucas, tenha mencionado em algum de seus diálogos um fato dramático sobre o qual só posteriormente escreveria.

Da mesma maneira, alusões a eventos históricos podem apenas fornecer um termo *post quem* para uma cronologia de composição dos diálogos. A menção da vitória de Agatão no concurso de tragédias de 416 A.C, presente no diálogo *Banquete*, por exemplo, permite afirmar que o diálogo foi escrito após este concurso, mas não permite dizer quanto tempo depois.

Sendo assim, os comentadores da virada do século XIX para o século XX baseavam suas hipóteses cronológicas em critérios, sobretudo, exegéticos e subjetivos, formulando ordenações para o conjunto de diálogos em função daquilo que cada um entendia ser a verdadeira filosofia platônica. Esta falta de um critério objetivo de organização dos diálogos, capaz de oferecer parâmetros de ordenação cronológica completamente independentes das suposições acerca do conteúdo doutrinal da filosofia platônica, será sanada, em parte, pelo surgimento do método estilométrico.

Na acepção mais estrita do termo, a estilometria consiste em uma contagem de ocorrências de um determinado grupo de palavras. A partir dos resultados obtidos por meio desta contagem, é possível formular hipóteses acerca da data de composição relativa de cada diálogo. Ou seja, a contagem de palavras nos permite identificar, dentre o conjunto de diálogos, aqueles que possuem um estilo semelhante entre si, representado pela repetida ocorrência de certos termos ou expressões.

Apesar do método estilométrico só se tornar universalmente conhecido por meio de W. Dittenberger e sua publicação sobre o tema no periódico *Hermes*

(1881), sabemos que seu verdadeiro precursor foi L. Campbell. Em 1867, Campbell publica o livro “*The Sophistes and Politicus of Plato*”, no qual se vê obrigado a defender a legitimidade de ambas estas obras, tendo em vista que grande parte das publicações da época girava em torno da distinção entre diálogos legítimos e espúrios. Para defender a legitimidade destas duas obras, Campbell realiza um levantamento estilístico destes textos e compara seus resultados com o estilo de outros diálogos platônicos de legitimidade não duvidosa. Como resultado de suas pesquisas, Campbell obtém a seguinte lista de características relativas ao *Sofista* e *Político*:

- 1) Nestes diálogos, Sócrates deixa de ser o interlocutor principal e, neste respeito, o *Sofista* e o *Político* se assemelham aos diálogos *Parmênides*, *Timeu* e *Crítias*.
- 2) O *Sofista* e o *Político* formam a parte central de um trilogia incompleta, no que novamente se assemelham ao *Timeu* e *Crítias*.
- 3) Existe um certo tom didático no *Sofista* e no *Político*, assim como em *Filébo* e *Leis*.
- 4) A ordem natural das palavras é mais frequentemente invertida nestes diálogos e as sentenças são mais elaboradas.
- 5) É recorrente o uso de uma cadência rítmica monótona.
- 6) No *Sofista* e no *Político*, há maior uso de palavras incomuns, poéticas e técnicas, quando comparados com os outros diálogos, exceto *Fedro*, *Timeu*, *República*. e *Leis*. (Campbell, 1867, p.xx-xxxiv)

Esta lista de traços estilísticos, contudo, não é suficiente para considerarmos Campbell um estilometrista, no sentido estrito de “contador de palavras”. Afinal, apesar de fazerem referência ao estilo dos diálogos, tais características, com exceção do item número seis, não podem ter sido obtidas pela mera quantificação de termos e palavras usadas por Platão. No entanto, Campbell também realizou uma contagem de palavras, mesmo que de forma menos sistemática que seus sucessores e sem a adoção de uma metodologia tão rigorosa. Os seus resultados mais relevantes resultam da contagem do número de palavras que cada um dos diálogos tem em comum, exclusivamente, com o grupo: *Timeu*,

*Critias e Leis*. Seguindo o método de comparação entre o vocabulário empregado em cada um dos diálogos e o vocabulário empregado no grupo *Timeu-Critias-Leis*, Campbell chega à seguinte divisão do conjunto da obra de Platão:

**Grupo 1:** *Apologia, Banquete, Cármides, Crito, Eutidemo, Êutífron, Górgias, Híppias Maior, Híppias Menor, Íon, Láques, Lísis, Menexeno, Mênon, Fédon, Protágoras.*

**Grupo 2:** *Fedro, República, Parmênides, Teeteto.*

**Grupo 3:** *Sofista, Político, Filébo, Timeu, Crítias, Leis.*

A escolha de Campbell pelo grupo *Timeu-Crítias-Leis* como base de comparação deve-se ao fato de existirem evidências exteriores aos diálogos platônicos que atestam tanto a autenticidade destas obras quanto sua data de composição tardia. Nós sabemos, por exemplo, via testemunho de Aristóteles, que o diálogo *Leis* foi composto depois da *República* (*Política* 2.6 1264b26), além de ter sido deixado incompleto por Platão, segundo Diogenes Laertius (3.37). O *Timeu*, por sua vez, faz referência à *República*, fato que, segundo Campbell, também atestaria sua composição tardia. A este grupo, Campbell somou *Crítias* por sua semelhança estilística e por ser a segunda parte da trilogia incompleta iniciada no *Timeu*. Com base nestas evidências Campbell estabelece estes diálogos, em conjunto com aqueles que mais se assemelham estilisticamente a eles, como o grupo de diálogos de composição mais tardia. O segundo grupo se define entorno da *República* e consiste em diálogos que apresentam algumas das características que definem o terceiro grupo, porém de maneira menos marcante. O primeiro grupo é formado por todos os diálogos restantes.

Como observa Brandwood (1990, p.5), um dos méritos de Campbell foi não se deixar levar cegamente pela mera contagem de palavras, sobretudo porque seus resultados baseiam-se nos números do *Lexicon Platonicum* de Ast (1835), que se provou incompleto. Desta maneira, a sensibilidade estilística de Campbell fez com que ele complementasse suas pesquisas com as várias características de estilo descritas na lista acima, fato que lhe levou a atingir mais resultados tidos hoje como certos do que seus números, a princípio, indicariam.

Alguns anos depois, F. Blass, em sua obra *Die Attische Beredsamkeit* (Blass, 1874), chegou aos mesmos resultados de Campbell com relação ao terceiro grupo de diálogos. Por meio de uma metodologia completamente diferente, Blass observou que Platão, em alguns diálogos específicos, adota a técnica de composição que consiste em evitar sistematicamente a ocorrência de hiatos.<sup>8</sup> Em *Leis*, por exemplo, há muito poucos hiatos. Apenas 100 hiatos podem ser encontrados nas 34 páginas do livro I desta obra. Em seguida, *Filébo* possui uma média de 2 por página. *Timeu* com 87 páginas, possui cerca de 50 ocorrências, *Sofista* (82 páginas) 20 casos, *Politico* (83 páginas) 11 casos e, em todo o *Crítias*, apenas 2 casos de hiatos podem ser encontrados. Apesar dos resultados de Blass não terem causado grande impacto na comunidade acadêmica, é digno de nota que, mesmo adotando critérios completamente distintos, Blass e Campbell definem igualmente o grupo dos últimos diálogos.

O reconhecimento da estilometria como técnica segura para o estabelecimento da ordem de composição dos diálogos platônicos só se deu, de fato, com Dittenberger, em seu artigo “*Sprachliche Kriterien für die Chronologie des Platonischen Dialoge*” (1881). Sem conhecimento algum dos trabalhos de Blass e Campbell, Dittenberger irá tomar como critério o uso de determinadas partículas gregas, sobretudo μήν e seus compostos καὶ μήν, ἀλλά μήν, τί μήν, γέ μήν e ἀλλά ... μήν. Dittenberger percebeu que, enquanto os dois primeiros compostos de partículas (καὶ μήν, ἀλλά μήν) ocorrem em todos os diálogos, com exceção do menor dos diálogos: *Críto*; os três compostos restantes (τί μήν, γέ μήν e ἀλλά ... μήν) não ocorrem, em absoluto, nos onze diálogos identificados por Dittenberger como pertencentes à primeira fase de Platão. Estes três compostos, contudo, passam a aparecer, cada vez com mais frequência, nos diálogos identificados por Blass e Campbell como os últimos a serem compostos.

Particularmente interessante é o fato de que, à parte *Lísis* e *Banquete*, os três compostos de partículas que definem os últimos diálogos, ou bem não aparecem em absoluto, ou bem aparecem em conjunto, em cada um dos diálogos. Tal uniformidade, segundo Dittenberger, é suficiente para estabelecermos que o fato por ele observado não é obra do acaso.

8 O hiato consiste na sucessão imediata de duas vogais em palavras separadas. Para evitar este tipo de sucessão, que constantemente surge na formação e inflexão das palavras, diversos recursos podem ser empregados: a crase, a elisão e a afaresis, além da escolha vocabular. (cf.

Portanto, adotando o critério de Dittenberger, podemos distinguir claramente dois grupos de diálogos estilisticamente inconfundíveis: aqueles nos quais os compostos τί μήν, γέ μήν e ἀλλά ... μήν ocorrem e aqueles nos quais tais grupos de partículas não ocorrem. Assim como Campbell e Blass, Dittenberger faz uso dos testemunhos de Aristóteles e Diógenes Laertius para considerar o grupo no qual *Leis* está incluído como representando os últimos diálogos compostos por Platão.

Dittenberger foi além, ao demonstrar que a introdução da partícula μήν na prosa ática se deu no tempo de Platão. Segundo as pesquisas de Dittenberger, a partícula μήν não pode ser encontrada na prosa ática mais antiga, como, por exemplo, na prosa dos oligarcas. Em Antífon, μήν ocorre apenas 5 vezes, em Tucídides 9 vezes e em Aristófanes seu uso continua muito restrito. Coerentemente, no primeiro grupo de diálogos de Platão, o uso de μήν é extremamente limitado. No segundo grupo de diálogos, do qual participa a *República*, a partícula μήν passa a ser mais usada, mas ainda está longe de possuir um papel preponderante. No último grupo de diálogos, a partícula μήν pode ser encontrada em abundância e em todas as cinco formas listadas por Dittenberger. Já o uso de μήν, na fórmula de resposta “τί μήν;” (Por que não?), é uma inovação introduzida por Platão ao dialeto ático. Dittenberger chega a especular sobre a origem de tal uso idiomático da partícula μήν e conclui que a viagem de Platão pela Sicília é a origem mais provável desta transposição de um uso idiomático dórico para o ático.

Devido à grande repercussão que teve seu artigo, Dittenberger foi obrigado a defender-se de uma enxurrada de críticas, o que o levou a testar seus resultados em função de outras mudanças de estilo existentes no *corpus* platônico. Desta maneira, Dittenberger procurou demonstrar a afinidade dos diálogos pertencentes ao grupo IIa de sua tabela com a *República* e a afinidade dos diálogos do grupo IIb com *Leis*, ignorando o primeiro grupo de diálogos. Para isso, Dittenberger usou três critérios distintos:

- 1) a alternância de uso das partículas comparativas ὅσπερ e καθάπερ;
- 2) a alternância de uso das conjunções temporais ἕως (περ)

e μέχριτερ;

3) a combinação dos advérbios τάχα e ἴσως.

Novamente, os dados obtidos por Dittenberger motram-se favoráveis à demarcação de um grupo de diálogos com estilo muito semelhante ao estilo de *Leis*. As locuções καθάπερ e μέχριτερ, assim como o uso combinado de τάχα e ἴσως, só podem ser encontradas em diálogos da última fase. Tal como μὴν, a partícula comparativa καθάπερ começa a aparecer na fase média e se torna predominante na fase final, enquanto as ocorrências de ὅσπερ vão se tornando mais raras.

Portanto, os resultados obtidos por Campbell, Blass e Dittenberger apontam para a demarcação segura de um grupo de diálogos com estilo semelhante ao estilo de *Leis* e que representaria o último grupo de diálogos compostos por Platão. É importante notar, contudo, que estes primeiros estilometristas não pretendiam organizar as diversas obras no interior de cada um dos grupos de diálogos. Isto é, apesar de colocarem *Sofista* e *Filébo* no grupo dos últimos diálogos, não se arvoravam a determinar qual dos dois foi escrito primeiro. Com a popularização do método estilométrico, alguns autores, como Lutoslawski (1897), pretenderam estabelecer a ordem de composição dos diálogos no interior de cada um dos grupos. No entanto, seus resultados não se mostraram convincentes e a metodologia empregada por estes autores foi intensamente criticada. Afinal, a suposição de que cada diálogo pode ter sua posição precisamente determinada por meio da análise estilística depende da hipótese de que Platão mudaria de estilo cada vez que iniciasse a composição de um novo diálogo, o que é, claramente, absurdo.

Com a consolidação do método estilométrico, vemos surgir entre os comentadores da virada do século XX um relativo acordo sobre o tema da cronologia de composição dos diálogos, sobretudo no que toca à posição dos últimos diálogos. Tal consenso está ilustrado em outra tabela de Ritter (Ritter, 1910, p.254), que se inicia com os resultados do próprio Ritter em 1888 e passa pelas obras de Lutoslawski, Gomperz, Natorp, Raeder e termina em sua segunda obra de 1909. Estes autores, todos eles partidários do método estilométrico, testemunham uma unanimidade perfeita no que concerne ao lugar dos cinco últimos diálogos: *Sofista*, *Político*, *Filébo*, *Timeu-Crítias* e *Leis*. O *Parmênides*

aparece sempre em vigésimo lugar, salvo para Gomperz que o substitui pelo *Teeteto*. Os diversos livros da *República* também aparecem na mesma posição para todos (13-17), com exceção de *Natorp* (15-19).

Tal consenso vai desaparecendo, gradualmente, conforme vamos nos movendo em direção aos primeiros diálogos. O *Fédon* é colocado três vezes na posição 12, uma vez na posição 10, uma vez na 11 e uma vez na posição 13. Os postos destinados ao *Banquete* variam entre o oitavo e o décimo quarto. O *Crátilo* é situado entre a quinta e a décima oitava posição. E as discrepâncias só aumentam, conforme nos aproximamos do grupo que hoje é definido como representando os primeiros diálogos escritos por Platão. O *Crito*, por exemplo, não possui um só resultado concordante em relação à sua posição e recebe as colocações 7, 3, 12, 2, 4 e 6.

Os trabalhos listados por Ritter, portanto, demonstram uma grande diferença entre os resultados obtidos para os últimos diálogos e os resultados obtidos para os outros dois grupos. Sobretudo, a lista de Ritter evidencia uma grande discordância com relação aos diálogos que hoje consideramos anteriores à *República*. Tal diferença é facilmente compreendida se tivermos em mente que os critérios adotados pelo método estilométrico são o resultado de observações acerca do grupo formado, exclusivamente, pelos cinco últimos diálogos. Mesmo os resultados obtidos para diálogos como *Teeteto*, *Parmênides*, *Fédro* e *República* não passam de uma extrapolação da análise do estilo dos últimos diálogos.<sup>9</sup>

Há, portanto, uma clara distinção qualitativa entre a demarcação do grupo dos últimos diálogos, caracterizada pela convergência de resultados obtidos por métodos distintos, e a extrapolação destes resultados para a construção de um grupo intermediário. Como observa Charles Kahn : “uma vez que os dois primeiros grupo são definidos apenas pela presença ou ausência de traços característicos do último grupo de diálogos, seria mais preciso dizer que o estilo de escrita de Platão mudou apenas uma vez, em direção ao estilo presente nas últimas obras; mas o surgimento total deste último estilo foi precedido por um estágio intermediário de transição, correspondente ao grupo de diálogos organizados entorno da *República*.” (Kahn, 2002, p.94)

9 A formação de um grupo intermediário é o resultado da constatação da ocorrência de algumas das características que aparecem, em conjunto, no último grupo de diálogos. Segundo Brandwood (Brandwood, 1990, p.251), Ritter, incorporando os resultados de seus

Dentre a extensa lista de estilometristas que se seguiram, podemos destacar o trabalho de Brandwood (1990), que passa em revista nada menos do que vinte e uma publicações, que vão de 1867 a 1970 e tira conclusões a partir de todo este material por ele reunido. Outro trabalho que merece ser citado é “*Re-counting Plato: A Computer Analysis of Plato's Style*” (Ledger, 1989), que enriquece a discussão com dados obtidos por meio de contagens computadorizadas. É importante notar, contudo, que os trabalhos de Brandwood e Ledger servem muito mais para consolidar os resultados obtidos pelos primeiros adeptos da estilometria do que para oferecer novos resultados. Conforme atesta a compilação realizada por Brandwood, mesmo a introdução de novos critério estilísticos, como a análise do ritmo de enunciação das frases compostas por Platão, apenas serviu para refinar e confirmar os resultados que, de modo geral, já haviam sido obtidos por Ritter, Dittemberger e seus contemporâneos.

Da mesma maneira, as limitações inerentes ao método parecem persistir. O próprio Brandwood reconhece, nas suas conclusões, que, mesmo após tantos anos de aplicação do método estilométrico, “muito pouco pode ser dito acerca dos primeiros diálogos” (Brandwood, 1990, p.252). De fato, o grupo dos primeiros diálogos é definido, desde Campbell e o início da estilometria, como o grupo de diálogos aos quais os critérios de afinidade estilométrica não se aplicam. Ou seja, o primeiro grupo é formado pelos diálogos que ficaram de fora da contagem, por não apresentarem de maneira relevante as características que unem os outros dois grupos. Assim, a relação estilométrica entre os dois primeiros grupos de diálogos nunca ficou estabelecida de maneira precisa. Sendo esta a principal limitação do método estilométrico.

---

predecessores, foi quem realmente operou esta extrapolação.

#### 1.4.

#### **A apropriação indevida dos resultados estilométricos.**

Sob a influência de autores alemães como Schleiermacher e Hermann e sob a influência dos resultados da estilometria, irá se consolidar, a partir da segunda metade do século XX, um relativo consenso acerca dos parâmetros gerais de leitura e interpretação da obra de Platão. Este consenso parece perdurar até os dias de hoje, apesar de sofrer críticas cada vez mais constantes. Como vimos, tal paradigma de interpretação considera a carreira filosófica de Platão dividida em três fases claramente distintas. A cada uma destas fases do pensamento de Platão é atribuído um grupo de diálogos correspondente. O primeiro grupo de diálogos representaria a fase da juventude de Platão, na qual os diálogos apresentariam fielmente as conversas de Sócrates na ágora ou, ao menos, o estilo de argumentação socrático e suas ideias acerca de temas como ética, política e dialética, porém sem conter qualquer doutrina de caráter metafísico. Após este momento de profunda influência de seu mestre, Platão teria adquirido maturidade filosófica e composto os diálogos pertencentes à fase média. Estes diálogos representariam o primeiro momento de expressão da filosofia propriamente platônica e estariam finalmente impregnados com as concepções metafísicas que tornaram famoso o platonismo. Por fim, após um período de crise de seu pensamento, Platão teria escrito os últimos diálogos, resultantes de uma reformulação de suas ideias anteriores.

Ora, à primeira vista, tal divisão do pensamento de Platão em três fases parece ser corroborada pelos resultados obtidos a partir do método estilométrico, que também distingue três grupos de diálogos, apesar do grau de certeza destas demarcações variar, como já mencionado. Contudo, se olharmos atentamente para as listas de ordenação dos diálogos oferecidas pelos principais comentadores do século XX, veremos que a apropriação que estes autores fizeram dos resultados obtidos pela estilometria é, no mínimo, enganosa.

Guthrie (1975, p.50), em uma seção intitulada “Testes Estilométricos e Linguísticos” reproduz uma organização para o conjunto de diálogos proposta por Cornford (1927, p.311) e a descreve como “representativa dos resultados

usualmente aceitos”:<sup>10</sup>

**Juventude:** *Apologia, Crito, Láques, Lísis, Cármides, Êutifron, Híppias Maior e Menor, Potágoras, Górgias, Íon*

**Maturidade:** *Mênnon, Fédon, República, Banquete, Fédro, Eutidemo, Menexeno, Crátilo*

**Velhice:** *Parmênides, Teeteto, Sofista, Político, Timeu, Crítias, Filébo, Leis*

Apesar desta lista ser apresentada por Guthrie e Cornford como “representativa dos resultados estilométricos”, uma comparação entre esta ordenação e os resultados obtido por Campbell, Ritter e outros estilometristas revela a existência de notáveis diferenças. De fato, todos os diálogos pertencentes ao último grupo estilométrico (*Sofista, Político, Filébo, Timeu-Crítias e Leis*) encontram-se na “fase da velhice” de Platão, conforme descrita por Guthrie. Do mesmo modo, todos os diálogos pertencentes à “fase da juventude” encontram-se no primeiro grupo estilométrico de diálogos, segundo as listas de Ritter e Campbell. Contudo, o grupo de “diálogos da maturidade”, criado entorno da *República*, foi extremamente modificado. O *Teeteto* e o *Parmênides* foram deslocados por Guthrie para o último grupo de diálogos, enquanto várias outras obras do primeiro grupo estilométrico foram incluídas na fase da maturidade. Como observa Kahn, o grupo de “diálogos da maturidade”, tal como estabelecido por Guthrie e Cornford é “um monstro em termos estilísticos, com a cabeça formada a partir do primeiro grupo [estilométrico] de diálogos (*Mênnon, Fédon, Banquete, Eutidemo, Menexeno, Crátilo*) e a cauda formada por diálogos do segundo grupo (*República e Fédro*)” (Kahn, 2002, p.97).

Fica claro, portanto, que apesar do grupo descrito por Guthrie ilustrar aquilo que o paradigma de interpretação atualmente vigente entende pela expressão “diálogos médios”, tal grupo não representa, de maneira precisa, os

---

10 Vlastos apresenta uma organização muito semelhante para os diálogos, porém mantém o *Parmênides* e o *Teeteto* no grupo de diálogos médios, além de separar o *Mênnon* como diálogo de transição entre a primeira e segunda fase. (VLASTOS, 1994, p.135)

resultados obtidos por meio de critérios estilísticos. Pelo contrário, é facilmente constatável que a formação deste grupo de diálogos reflete, na verdade, uma determinada hipótese exegética acerca do desenvolvimento filosófico de Platão. No grupo de diálogos da juventude estão incluídos somente os diálogos que, segundo estes comentadores, representam a fase “socrática” do pensamento de Platão, isto é: aqueles diálogos em que não podemos encontrar a Teoria das Ideias. Por isso, ficam de fora obras como *Fédon* e *Banquete* que, apesar de estarem estilisticamente agrupadas entre os primeiros diálogos, apresentam investigações de caráter claramente metafísico.

A fase da maturidade descrita por Guthrie, por sua vez, contém apenas os diálogos nos quais a formulação clássica da Teoria das Ideias está apresentada, incluindo o *Mênnon* como diálogo introdutório desta teoria. Por fim, o *Parmênides* inaugura a última fase por apresentar uma crítica à Teoria das Ideias, seguido pelo *Teeteto*, que aparentemente ignora esta teoria. Desta maneira, uma organização do conjunto de diálogos que reflete, na verdade, uma certa interpretação do desenvolvimento filosófico de Platão, incluindo uma hipótese bibliográfica acerca da influência de Sócrates na sua carreira filosófica, é apresentada indevidamente por Guthrie e Cornford como representativa dos resultados obtidos pelo método estilométrico.

A organização dos diálogos proposta por autores como Cornford, Guthrie e Vlastos é, portanto, o resultado da sobreposição de dois critérios distintos. Por um lado, esta organização reflete os resultados da estilometria, ao reconhecer o grupo estilisticamente semelhante a *Leis* como representante dos últimos diálogos escritos por Platão. Por outro lado, a divisão entre diálogos da juventude (socráticos) e diálogos da maturidade, tal como apresentada por estes autores, somente pode ser obtida por meio de critérios interpretativos. Ora, é claro que tais critérios possuem natureza claramente subjetiva, pois refletem uma determinada hipótese exegética acerca do que seria a filosofia originalmente platônica, em oposição à filosofia socrática.

Um intérprete que reconheça uma diferença marcante entre a doutrina expressa nos diálogos chamados “socráticos” ou “da juventude” (*Apologia*, *Crito*, *Láques*, *Lísis*, *Cármides*, *Êutífron*, *Híppias Maior e Menor*, *Potágoras*, *Górgias*, *Íon*) e a doutrina expressa nos diálogos em que a Teoria das Ideias é mais claramente apresentada deveria, honestamente, admitir que os resultados da

estilometria não suportam tal divisão. De fato, estes resultados são irrelevantes para a postulação da distinção doutrinal entre diálogos (socráticos) da juventude e diálogos (platônicos) da maturidade. Afinal, nada obriga que uma mudança de estilo represente, também, uma mudança de concepção filosófica ou uma mudança de “visão de mundo”. O fato da estilometria demarcar com precisão o grupo de diálogos da última fase, por exemplo, serve muito mais como um ponto de partida objetivo para o posterior reconhecimento de uma série de características, de cunho textual e doutrinário, compartilhadas por estas obras, do que como uma prova irrefutável do surgimento de uma nova fase do pensamento de Platão.<sup>11</sup>

Da mesma maneira, a existência de uma fase sócrática e uma fase da maturidade no pensamento de Platão não pode ser justificada pela mera constatação de diferenças de estilo, mesmo se adotarmos como segura a divisão, em termos puramente estilísticos, entre o primeiro e o segundo grupos de diálogos. Fica claro, portanto, que a distinção pressuposta pelo paradigma de interpretação desenvolvimentista atualmente vigente, entre um grupo de diálogos “da juventude”, livres de especulações metafísicas e nos quais o pensamento de Sócrates está fielmente representado, e um grupo de diálogos “da maturidade”, nos quais Platão desenvolve suas próprias teorias, não possui apoio algum nas descobertas realizadas pela estilometria. Tal distinção deve-se, sobretudo, a hipóteses interpretativas e de exegese da obra platônica cujas origens remontam, em última instância, aos helenistas alemães do século XIX.

---

11 Vide, por exemplo, a lista de características próprias aos diálogos da terceira fase apontada por Campbell que, sem dúvida, extrapolam o âmbito meramente estilístico.

### 1.5. A hipótese de uma fase socrática nos diálogos de Platão.

Como vimos, o primeiro autor a propôr a existência de uma fase socrática no pensamento de Platão foi Hermann em 1839. A partir de então, esta tese ganhou força entre os especialistas, a ponto de se tornar quase uma unanimidade em meados do século XX. O mais famoso e ardoroso defensor da existência de uma fase marcadamente socrática nos diálogos de Platão é Gregory Vlastos, que expôs suas opiniões sobre o tema em vários artigos e, especialmente, em seu livro “*Socrates, Ironist and Moral Philosopher*” (Vlastos, 1991). Segundo Vlastos, os diálogos apresentam duas figuras de Sócrates completamente incompatíveis.<sup>12</sup> Estas duas figuras de Sócrates seriam tão distantes uma da outra que:

“não poderiam ser representadas coabitando uma mesma mente, a menos que se tratasse da mente de um esquizofrênico. Eles (Sócratese e Sócratesm) são tão distintos em conteúdo e método que contrastam tão precisamente um com outro, quanto com qualquer outro filósofo que se possa mencionar, a começar por Aristóteles.” (Vlastos, 1991, p.46)

Apesar de nem todos comentadores adeptos de uma interpretação desenvolvimentista aceitarem o radicalismo expresso nesta proposição de Vlastos, os autores que adotam a tese da “fase socrática” compartilham de um mesmo raciocínio básico, que pode ser esquematizado da seguinte maneira:

(I) Uma vez que os diálogos da juventude e da maturidade apresentam doutrinas filosóficas distintas.

**E**

(II) Uma vez que é mais razoável atribuir a Platão a teoria presente nos diálogos da maturidade.

**Então,**

(III) A doutrina presente nos diálogos da juventude deve ser de origem socrática.

Contudo, conforme observa Fronterotta (Fronterotta, 2007, p.39-40),

---

12 Vlastos chama de [Sócratese], de “*early*”, o Sócrates dos primeiros diálogos e [Sócratesm] o

mesmo que a primeira e a segunda premissas sejam garantidas, nós devemos supor a existência de uma profunda incompatibilidade entre a doutrina contida nos primeiros diálogos e a doutrina contida nos diálogos da maturidade, tal como expresso na passagem de Vlastos supracitada, para concluirmos (III). De outro modo, não haveria necessidade de atribuímos a doutrina dos primeiros diálogos a outra pessoa que não o próprio Platão. No entanto, a afirmação desta profunda diferença parece estar implícita no conteúdo de (I). Há, portanto, neste argumento, um importante *demonstrandum* presente nas premissas da demonstração, o que acarreta na incorreção do raciocínio.

Deste modo, a alegada diferença de conteúdo entre os diálogos da juventude e os diálogos da maturidade é apresentada como evidência para a tese da existência de um pensamento socrático nos diálogos. No entanto, esta diferença de conteúdo é, justamente, o principal critério de distinção entre quais diálogos pertencem à fase da juventude e quais pertencem à fase da maturidade. Sobretudo, porque os critérios estilométricos não se aplicam a estes diálogos com o mesmo grau de certeza que se aplicam ao último grupo de obras e, mesmo que se aplicassem, tal mudança de estilo não implicaria, necessariamente, em uma mudança de pensamento. Em outras palavras, a diferença doutrinal supostamente existente entre os dois primeiros grupos de diálogos é tanto o critério para a divisão da obra de Platão entre uma fase socrática e uma fase verdadeiramente platônica quanto o próprio resultado desta divisão. Trata-se, obviamente, de uma petição de princípio!

Apesar de incorrer em evidente circularidade, este raciocínio deu origem a uma vasta literatura acerca do tema da verdadeira filosofia socrática.<sup>13</sup> Mais do que isso, este raciocínio é responsável por uma das principais hipóteses exegéticas que compõem o paradigma atual de interpretação da obra de Platão, a saber: a ideia de que podemos destacar, no conjunto da obra de Platão, um determinado grupo de diálogos nos quais a Teoria das Ideias não está presente. Afinal, as premissas do raciocínio que sustentam a tese de uma fase socrática deixam claro que o ponto principal do argumento encontra-se na admissão de que há uma

---

Sócrates dos diálogos médios.

13 Vlastos pode ser considerado o mais ferrenho e prestigiado defensor de uma fase socrática em Platão, tendo várias publicações dedicadas à reconstrução da filosofia do Sócrates histórico, a partir dos diálogos platônicos. Contudo, a lista dos autores engajados na descoberta da verdadeira filosofia socrática é extensa. Apenas para citar alguns exemplos recentes:

diferença marcante de conteúdo entre os dois primeiros grupos de diálogos e o principal traço distintivo apontado pelos comentadores refere-se, justamente, à introdução das Formas e à articulação de uma Teoria das Ideias.<sup>14</sup>

A tese de que podemos encontrar um grupo de diálogos nos quais não há menção às Formas inteligíveis costuma ser apresentada em conjunto com um testemunho de Aristóteles que, alegadamente, serviria como evidência para existência de uma fase pré-Teoria das Ideias na obra platônica. Tal testemunho, por tratar-se de uma evidência externa aos diálogos, seria capaz de anular a acusação de petição de princípio supracitada e, segundo os defensores da fase “socrática”, constituiria uma prova irrefutável da existência de um grupo de diálogos dedicados à exposição da filosofia do Sócrates histórico. A passagem em questão encontra-se no primeiro livro da *Metafísica*, onde Aristóteles nos conta que:

“Sócrates ocupava-se de questões éticas e não da natureza em sua totalidade, mas buscava o universal no âmbito daquelas questões [éticas], tendo sido o primeiro a fixar a atenção nas definições. Platão aceitou essa doutrina socrática, mas acreditou, por causa da convicção acolhida dos heraclitianos, que as definições se referissem a outras realidades e não às realidades sensíveis. De fato, ele considerava impossível que a definição universal se referisse a algum dos objetos sensíveis, por estes estarem em constante mudança. Então, ele chamou estas outras realidades de Ideias, afirmando que os sensíveis existem ao lado delas e delas recebem seus nomes.”

Σωκράτους δὲ περὶ μὲν τὰ ἠθικὰ πραγματευομένου περὶ δὲ τῆς ὅλης φύσεως οὐθέν, ἐν μέντοι τούτοις τὸ καθόλου ζητοῦντος καὶ περὶ ὀρισμῶν ἐπιστήσαντος πρώτου τὴν διάνοιαν, ἐκεῖνον ἀποδεξάμενος διὰ τὸ τοιοῦτον ὑπέλαβεν ὡς περὶ ἐτέρων τοῦτο γιγνόμενον καὶ οὐ τῶν αἰσθητῶν· ἀδύνατον γὰρ εἶναι τὸν κοινὸν ὄρον τῶν αἰσθητῶν τινός, ἀεὶ γε μεταβαλλόντων. οὗτος οὖν τὰ μὲν τοιαῦτα τῶν ὄντων ἰδέας προσηγόρευσε, τὰ δ' αἰσθητὰ παρὰ ταῦτα καὶ κατὰ ταῦτα λέγεσθαι πάντα· κατὰ μέθεξιν γὰρ εἶναι τὰ πολλὰ ὁμώνυμα τοῖς εἶδεσιν. (*Metafísica A 6, 987b1-10*)

Os defensores de uma interpretação desenvolvimentista interpretam estas linhas da *Metafísica* como se Aristóteles estivesse sugerindo um esquema de

---

Brickhouse & Smith (1994) e Giannantoni (2005).

<sup>14</sup> Para Dancy, “Sócrates não professa teoria positiva alguma, além de um ou outro paradoxo socrático (em particular, nada próximo a uma metafísica)” (Dancy, 2008, p.6). Vlastos, por sua vez, apresenta uma lista de dez teses que diferenciariam o Sócratese do Sócratesm. Contudo, como reconhece Prior (2004), a grande questão filosófica por trás do decálogo gira entorno da Teoria das Ideias e “Vlastos passa boa parte do seu tempo dedicado ao assunto investigando se o Sócrates dos diálogos da juventude possuía ou não a teoria das ideias do Sócrates da fase média” (Prior, 2004, p.3). Prior ainda observa que tal investigação é insuficiente para se chegar às conclusões pretendidas por Vlastos, a saber: que o Sócrates dos primeiros diálogos está apenas preocupado com questões morais, enquanto que apenas o Sócrates da fase média pensa

leitura para os diálogos platônicos.<sup>15</sup> De acordo com este esquema, a busca socrática por definições estaria representada nos diálogos da juventude, enquanto que a Teoria das Ideias estaria restrita aos diálogos da fase média e, talvez, última fase.

No entanto, é importante notar que Aristóteles não apresenta suas observações como uma exegese dos diálogos platônicos. E, mesmo que apresentasse, é plenamente plausível que Aristóteles esteja se referindo aos diálogos platônicos em sua totalidade, incluindo os diálogos iniciais, ao afirmar que Platão aceitou a busca por definições como ponto de partida, porém identificou nas Formas inteligíveis o verdadeiro objeto destas definições. Portanto, não devemos aceitar esta passagem da *Metafísica* como evidência suficiente para aquilo que os comentadores desenvolvimentistas pretendem, isto é: a partir dela, afirmar a existência de uma fase puramente socrática da obra platônica, na qual as Formas não estariam mencionadas ou pressupostas. De fato, encontramos na obra platônica um conjunto de diálogos dedicados à busca por definições. Porém, o testemunho de Aristóteles não é incompatível com a ideia de que, nestes diálogos, Platão já esteja divulgando seu pensamento original, apresentando sua hipótese das Formas inteligíveis em um contexto de busca por definições tipicamente socrático.

---

sobre questões metafísicas.

15 Apenas para citar um exemplo recente, Dancy acredita que: “Esta descrição de Aristóteles, no que toca a Sócrates, adequa-se muito bem aos diálogos socráticos. E se nós tomamos o Sócrates dos diálogos doutrinários [*ie.* diálogos médios] como sendo o porta-voz de Platão, a separação das Formas e a afirmação sobre os objetos perceptíveis estarem em constante mudança enquadra-se também muito bem.” (Dancy, 2008, p.13).

## 1.6. Conclusão do primeiro capítulo.

Como parte de nossa análise crítica das teses que compõem o paradigma atual de leitura dos diálogos platônicos, chegamos a um ponto determinante de diferenciação entre as duas correntes principais de interpretação. Enquanto o grupo de comentadores adeptos de uma interpretação *desenvolvimentista* nega que as Formas inteligíveis estejam presentes nos diálogos iniciais, os comentadores que adotam uma interpretação *unitarista* reconhecem a presença destas entidades nos argumentos dos primeiros diálogos.<sup>16</sup>

Podemos dizer que a corrente unitarista de interpretação tem Schleiermacher como seu fundador. Pois, como vimos, apesar de propor uma ordem de composição e de desenvolvimento expositivo para os diálogos, Schleiermacher identifica uma marcante coerência interna no *corpus* platônico. Esta corrente de interpretação é, sem dúvida, minoritária e os únicos célebres adeptos de uma leitura unitarista, com o explícito reconhecimento da presença das Formas nos diálogos da primeira fase, são: Burnet (1924, p.31-33), Shorey (1903, p.32), Cherniss (1937, p.497-500) e, recentemente, Kahn (1996) e Fronterotta (2001).

O paradigma de interpretação desenvolvimentista atualmente vigente, por sua vez, reconhece uma marcada diferença entre estes dois conjuntos de diálogos e considera que não podemos encontrar nenhum traço da Teoria das Ideias na primeira fase da obra platônica. Como vimos, estes comentadores propõem a existência de um grupo de “diálogos socráticos”, escritos em um momento em que Platão ainda estaria intimamente ligado ao pensamento de Sócrates e limitado pela figura de seu mestre. Coerentemente, estes intérpretes reservam o título de “diálogos da maturidade” para as obras em que Platão apresentaria os resultados de suas próprias investigações, sobretudo sua Teoria das Ideias inteligíveis.

Entre os comentadores desenvolvimentistas, podemos identificar, ainda, duas maneiras distintas de entender a relação entre os primeiros diálogos e a

---

16 A posição unitarista implica, portanto, na inexistência de uma fase puramente socrática, uma vez que a presença das Formas evidenciaria o caráter platônico da argumentação exposta nos primeiros diálogos. Burnet (1924), contudo, apresenta uma interpretação bastante original ao reconhecer o papel fundamental das Formas nos primeiros diálogos e, ao mesmo tempo, atribuir tal concepção ao pensamento do Sócrates histórico.

hipótese das Formas. Um grupo de comentadores acredita que as Formas platônicas não estão presentes, em absoluto, nos diálogos da juventude, enquanto outro grupo acredita que, apesar de podermos encontrar alusões às Formas nos primeiros diálogos, o entendimento de Platão acerca da natureza destas entidades sofre uma transformação radical entre a primeira e a segunda fase de sua carreira filosófica. Haveria, de acordo com este segundo grupo de intérpretes, uma diferença fundamental com relação ao estatuto ontológico das Formas em cada uma destas duas fases do pensamento de Platão. Nos primeiros diálogos, as Formas representariam atributos e qualidades inerentes às coisas sensíveis, não sendo postulada, portanto, a existência independente e prioritária destas entidades. Somente a partir dos diálogos da maturidade, poderíamos encontrar a afirmação da tese da separação (*χωρισμός*) radical entre coisas sensíveis e Formas inteligíveis, momento em que as Formas deixariam de representar características presentes nas coisas e passariam a gozar de um modo de existência próprio, separado dos objetos sensíveis. Esta mudança de *status* ontológico das Formas, operada nos diálogos da maturidade, fundamentaria a distinção entre uma Proto-Teoria das Ideias socrática, caracterizada pelo imanentismo das Formas e uma “verdadeira” Teoria das Ideias platônica, caracterizada pelo surgimento do “mundo das ideias” e pela atribuição de uma condição transcendente e independente às Formas.<sup>17</sup>

Nossa análise nos levou, ainda, ao reconhecimento da fragilidade de alguns dos pressupostos do paradigma de interpretação desenvolvimentista atualmente vigente. A divisão usualmente aceita da obra de Platão em três fases cronologicamente distintas, por mais que tenha algum apoio nos estudos estilométricos, como vimos, não reflete com fidelidade os resultados destes estudos. De fato, podemos afirmar que, sobretudo a divisão entre um grupo de diálogos socráticos, isentos de especulações metafísicas, e um grupo de diálogos da maturidade, destinados à exposição da filosofia originalmente platônica, não possui apoio algum nas análises formais de estilo e funda-se em argumentos exegéticos de caráter subjetivo que, em última análise, derivam da interpretação proposta por Hermann.<sup>18</sup>

17 A mais clara formulação deste tipo de interpretação encontra-se Allen (1970). Temos como representantes desta corrente interpretativa, ainda, Rist (1975), Ross (1952) e Brisson (2001).

18 Isto não equivale a dizer que a divisão da obra de Platão em três grupos de diálogos

Além disso, a própria hipótese da existência de um grupo de diálogos voltados à exposição do pensamento socrático está sujeita ao vício de circularidade. Pois, para confirmarmos tal hipótese precisaríamos, primeiro, determinar quais diálogos estão destinados à representação do Sócrates histórico, de tal modo que pudéssemos identificar o pensamento expresso nestes diálogos e compará-lo, posteriormente, com aquilo que consideramos ser o pensamento de Platão. Porém, como não possuímos qualquer critério objetivo para determinar quais são estes diálogos, esta demarcação é feita, justamente, com base naquilo que consideramos ser o pensamento socrático. Sendo assim, nossa concepção acerca do que seria o pensamento do Sócrates histórico é apresentada tanto como critério quanto como resultado da distinção entre diálogos socráticos e diálogos da maturidade.

Na realidade, a própria noção de que podemos traçar, com segurança, o desenvolvimento do pensamento de Platão parece estar fundada em preceitos duvidosos. Um historiador da filosofia pode identificar, com total segurança, mudanças e desenvolvimentos no pensamento de um autor quando: 1) este autor, explicitamente, se retrata ou repudia uma opinião expressa em uma obra anterior; ou quando 2) estamos de posse de duas obras, com datas de composição distintas, em que o autor, falando em primeira pessoa, defende posições incompatíveis e manifesta, implícita ou explicitamente, sua intenção de substituir a posição expressa na primeira obra por aquela da segunda. Este é o caso de Wittgenstein, que, nas *Investigações Filosóficas*, apresenta uma concepção da natureza da linguagem claramente incompatível com aquela expressa no *Tractatus Philosophicus* e dá nítidos sinais de que devemos favorecer a segunda teoria em detrimento da primeira.

No caso de Platão, não estamos de posse de uma obra escrita em primeira pessoa ou sequer de uma datação precisa para os diálogos. Portanto, a afirmação de que podemos identificar, com segurança, fases de seu desenvolvimento deve ser tratada com bastante ceticismo. Afinal, o requisito mínimo que se impõe ao intérprete que deseja apontar desenvolvimentos no pensamento de Platão é identificar a posição de Platão nos diálogos. No entanto, a posição de Platão

---

estilisticamente distintos não possui fundamento. De fato, este parece ser o resultado dos estudos estilométricos. Porém, no que toca exclusivamente ao estilo dos diálogos, o *Fédon* e o *Banquete* pertencem à mesma fase da *Apologia* e do *Íon*.

acerca dos argumentos e teorias expostas nos diálogos não nos é dada *prima facie*. Assim, mesmo que possamos identificar uma mudança de posição do personagem Sócrates ou de qualquer outro personagem, somos obrigados a manter aberta a possibilidade de que Platão, como autor, nunca se identificou com a opinião superada, mas a colocou na boca de um de seus personagens por motivos de composição dramática.

Portanto, a hipótese desenvolvimentista, em sua forma mais radical, parece estar sujeita a uma crítica de natureza metodológica insuperável. Afinal, o caráter literário da obra platônica não nos permite acesso direto ao pensamento de Platão para podermos afirmar, com segurança, quando Platão abre mão de uma teoria ou posição filosófica em nome de outra. É possível, contudo, reformular a hipótese desenvolvimentista de modo a torná-la passível de verificação. Para isso, basta que limitemos o escopo desta hipótese à interpretação do personagem Sócrates, não admitindo a inferência de que uma análise do personagem Sócrates corresponde a uma análise do intelecto de Platão. Afinal, é perfeitamente verificável se o personagem Sócrates, no conjunto de diálogos da juventude, menciona ou pressupõe a existência das Formas.

No próximo capítulo, investigaremos a ontologia apresentada nos diálogos da juventude. Sendo assim, o resultado desta investigação trará luz à questão da presença das Formas nestas obras e, por consequência, ao problema mais geral de interpretação dos diálogos que expusemos até aqui. Pois, caso venhamos a concluir que a ontologia proposta por Sócrates nos primeiros diálogos é constituída por entidades dotadas de um estatuto ontológico prioritário e independente, estaremos na posição de identificar a presença das Formas na argumentação destas obras, o que implicaria na inviabilidade do paradigma de interpretação desenvolvimentista atualmente vigente.